



CARTEIRA DE TRABALHO em mãos: desemprego avançou no País

Brasil tem 11 milhões sem emprego

Dados divulgados pelo IBGE apontam que a taxa de desemprego ficou em 10,9% no primeiro trimestre deste ano

BRASÍLIA

A taxa de desemprego do primeiro trimestre bateu mais um recorde, atingindo 10,9% no trimestre encerrado em março, de acordo com dados divulgados ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), ao menos 11,089 milhões buscavam empregos, número que só aumenta desde o início de 2015.

A taxa superou de forma significativa o verificado tanto no último trimestre de 2015 (9%) quanto o apurado em igual período do ano passado (7,9%). É também a maior já observada pela pesquisa, iniciada em 2012. Economistas dizem que o cenário ainda pode piorar.

Somente na passagem do último trimestre do ano passado para os três primeiros meses deste ano, 1,6

milhão de pessoas perderam seus empregos no País.

A população ocupada — formal ou informalmente — ficou em 90,6 milhões de pessoas, queda de 1,7% em relação ao trimestre imediatamente anterior e de 1,5% ante igual período do ano passado.

A população de desempregados em busca de vaga aumentou em 2 milhões de pessoas no intervalo entre os trimestres encerrados em dezembro e março. No período de um ano, 3,1 milhões de pessoas entraram nessa condição, alta de 39,8%.

Historicamente, os três primeiros meses do ano são de desemprego alto em razão da dispensa de trabalhadores temporários. A tendência natural de abril é uma desaceleração do desemprego. Mas o que se vê, na avaliação de especialistas, é que essa situação sazonal não deve ocorrer. Economistas já preveem taxa de até 11% no trimestre encerrado em abril, chegando a 12% ou 15% em regiões metropolitanas de São Paulo e Salvador, respectivamente.

O desemprego, antes concentrado na indústria e na construção civil, agora avança no setor de serviços, o maior empregador do País.

Março superou as expectativas de economistas ouvidos pela agência Bloomberg, que previam taxa em 10,7%.